



A LAVADEIRA DE VISELA

Obra do distinto amador fotografico sr. Luiz Osmundo Toulson

II Série—N.º 419

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 2 de Março de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e in pressão
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1820 cent.

Semestre..... 2840 cent.

Ano..... 4880 cent.

Numero avu8so. 10 cent.



**ANEMIÇOS, CORCOVADOS
DISPEPTICOS, VELHOS
CONVALESCENTES**

Tomae de manhã e á tarde uma chavena do delizioso

PHOSCAO

(Antigamente Phospho-Cacao)

O mais poderoso, dos reconstituintes: o unico alimento vegetal aconselhado por todos os medicos tanto aos enfermos como aos saos.

REMESSA GRATUITA

De uma caixa para experiencia

Deposito: **FORTUNY Hermanos, 32, Hospital, Barcelona (Hespanha)**
Mercearias, Pharmacias e Drogarias



**CRÈME
SIMON**
PARA
**conservar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphaera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg **PARIS 10°**
Saint-Martin

**PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabelleiros.**

Desconfiar das Imitações.

**POUDRE
GERMANDRÉE**

Secret
de beauté

Pour embellir et soigner
lepeau adhérence absolue
et discrète Parfum idéal

MIGNOT-BOUCHER Parfumeur 19, rue Vivienne PARIS

**FRIO da
BELLEZA**

PÓS para embelezar a cutis.
PÓS em folhas adherentes em forma pratica.
CREME para preservar e suavizar a pelle.

A VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS
ELEGANTES de PORTUGAL

MIGNOT-BOUCHER
19, Rue Vivienne Paris

Comprem os Bordados **Schweizer**

franco de porte a domicilio

Vestidos Blusas
desde Fr. 11.80 desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças
desde Fr. 5.90

No melhor bordado suiso sobre cambraia, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade. Peçam, a nossa collecção 22 de figurinos novos com amostras bordadas. Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne, Suissa

Gold-Crème Albert Simon

negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para tóra acrescem os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.ª — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.º — LISBOA



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

2-3-1914

N.º 419

O "tatão" em Londres

O século XIX, com a tristeza byroniana, a saia de balão e o culto das conveniências, foi o século do pudor. O século XX, com as danças obscenas, a saia aberta e o epicurismo do *vivre sa vie*, — é o século da sensualidade. Os elementos conservadores querem ainda opôr-se á marcha convulsiva da dissolução. Para cada veneno moral inventam um contra-veneno. E' indecoroso o tango? Lança-se a *jurlana*. O maxixe brasileiro é indecente? Importa-se o *tatão*. E depois das sombras vermelhas do Vaticano terem resurgido a velha dança dos gondoleiros de Veneza, — Londres,



enlevada na graça loira de *miss Harding*, aplaude uma dança de Pekin e inscreve-a entre as suas ultimas modas. O *tatão* abandonou as cabaias douradas para ser severamente ballado em *Regent Street*. E' uma especie de minuette magestoso, com sete grandes passos, — e dançou-se a caracter, espetando os dedos, em ritmos lentos, baloiçados, solénes, como se os elegantes de Londres fcssem bonocos de faiança chinesa. Estará *miss Harding* sinceramente convencida de que uma dança ridicula é capaz de fazer esquecer uma dança sensual?

Loucura penitenciária



• A prisão de Campolide é uma *mère Gigoque* de tuberculosos e de loucos. Ha muito tempo que esta triste verdade se afirma. E', de resto, o que sucede em todos os paizes onde vigora o mesmo regime prisional. Desde os casos vulgares de loucura peniten-

ciaria com alucinações auditivas, até aos tipos mais perigosos da *zuchthausknall*, a onda dos alienados prisionaes cresce cada dia. Até certa altura, os pavilhões de Rilhafoles chegaram para os hospitalisar; mas um momento veio em que a *debouchée* manicomial foi insufficiente, — e hoje (isto é que não sucede com facilidade n'outros paizes) ha na Penitenciaria 70 loucos e não existe um logar vago nos manicomios para os receber. D'onde se prova que em Portugal ha, infelizmente, mais prisões do que hospitaes.

Cinzas

Pierrot dançou a ultima valsa. Estoirou o ultimo *Champagne*. Dorme, sobre um sofá, o ultimo dominó. N'uma poeira doirada, vagamente, murmura ainda o eco do ultimo beijo. O Carnaval passou. E' a Cinza que chega. Ao delirio sucede a penitencia. A' mascara, o livro d'orações. Ao guizo, — o sino. A Arlequin, Tartufo. A Pulcinella, — fra Timóteo. Virgín-



dades mortas, como folhas de rosa dispersas pelo vento, soluçam e gemem. Abrem-se hospitaes. Fecham-se sepulturas. Do beijo imenso, do beijo voluptuoso e formidavel do Carnaval de hontem, uma onda de dôr surge, germina, palpita, refloresce em vidas novas, — e para novembro, em todo o mundo, a natalidade aumentará...

Livro de Moralidades

A moderna prosa vacila entre duas tendencias opostas: a exuberancia eloquente, impetuosa, torrencial, e a sobriedade nitida, precisa, exata. A primeira tendencia, decerto a que melhor se harmonisa com a nossa natureza excessiva de latinos, é a mais vulgar nos prosadores portuguezes contemporâneos, quasi todos abundantes, caudalosos, — fundamentalmente oradores. Mas não é menos interessante a segunda, quando produz obras como o *Livro de Moralidades*, de Joaquim Manso, — nobre livro onde a sobriedade, a concisão, a nitidez, o poder de expressão sintética, a incrustação lapidar do conceito são, muitas vezes, admiraveis.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manoel Gustavo).



A TRAGEDIA DO HOMEM QUE NÃO TINHA CASA

—Reparem bem, meus senhores, peço-lhes que reparem bem. É uma mobília em noqueira americana, estilo inglês, o mais moderno que existe, em estado de nova.—Cento e cinco mil réis... e cinco... Cento e dez mil réis...

E o agente de leilões inflama-se, vermelho e rouco, nos esforços dos pregões. À sua volta, quatro ou cinco brasileiros ricos, de papreira turgida, largos ventres lusindo de joias como montras de ourivesaria, dedos cabeludos algemados em anéis de pedras caras; alguns comerciantes, de olhos perscrutadores, mirando tudo com meticulosidade quase insolente, voltam as cadeiras, escancaram os guarda-roupas, abrem as gavetas, inspecionam o marmore das «consoles».

—Cento e trinta mil réis. Cento e trinta mil réis... Ninguém dá mais? Cento e trinta mil réis. É de graça, meus senhores! Ninguém dá mais? Cento e trinta... cento e trinta.

A um canto, confundido entre os compradores, o desgraçado que a má-sorte ferira via a mão implacável do leiloeiro ir incidindo um a um sobre todos os seus moveis, que fôra alvorçadamente juntando, em largos anos de trabalho, na edificação laboriosa d'esse lar que a ruína esboroa.

—Duzentos e cinco!

E a martelada do estilo sôa, áspera, rude, repercutindo-se no coração do pobre como se a houvessem descarregado no seu proprio peito.

Depois, foi a mobília da casa de jantar, a do gabinete de trabalho, a da sala de visitas,—tudo, tudo.

E à medida que as marteladas iam soando, rispadas, incisivas, tudo pouco e pouco desaparecia, em carroças pejadas, que não se sabia para onde iam...

Vinha já caindo a noite quando a ultima padiola abalou, ao chouto ritmico dos carrejões, que praguejavam.

Ficou então sózinho, na grande casa vazia, que parecia ainda maior, abandonada dos seus moveis, dos seus tapetes e espelhos. Pelas paredes havia rasgos brancos, no papel, como chagas, marcando o sitio de onde os caixilhos tinham sido arrancados á força, ao empuxão rude dos carreteiros.

Nas salas, cheias de pó, de papéis e pontas de cigarro, respirava-se uma atmosfera nauseante, um fartum asqueroso da multidão que todo o dia as povoara, de pés sujos maculando os tapetes, cus-

pinhando, sem respeito por esse lar desmantelado, que se abria a todos, como uma loja.

Queria mostrar-se forte, animar a mulher, que chorava, ao canto da janela que olhava sobre o jardim, vendo as suas flores que murchavam, tristes, nos canteiros despresados, e os olhos marejavam-se-lhe de lagrimas, a voz prendia-se-lhe na garganta e só conseguia dizer, desviando a cara, disfarçando n'uma tosse forçada os soluços que o abalavam:

—Então? Então? Tudo se ha de arranjar...

Depois, vieram para tomar conta das chaves, fechar as portas.

Correu ainda a casa, meio trôpego, como um sonambulo, dando uma derradeira mirada de despedida áquelas salas onde a sua existencia deslisara serena, por largos anos de ventura, tão rápida e facil que parecera um instante.

Sairam. No limiar, ficaram um momento a olhar a grande rua solitaria, como procurando um destino.

Dentro, as chaves rangiam, ásperas, nas fechaduras e, por fim, o pesado portão da rua cerrouse, n'um dolorido gemer dos gonzos enferrujadas e o martelo do batente, deslocado bruscamente, bateu uma pancada cava, que ficou reboando por toda a casa, como um dobre.

No ceu alto e claro brilhavam estrelas e, no silencio da rua deserta, ao longe, mu cão uivava...

* * *

Começou assim aquella vida de nômade que se tornara a sua existencia, um mez aqui, uma semana além, aos acasos do destino. E toda a sua desesperada ância era reconstruir o lar de outra, onde calmamente pudesse trabalhar e viver, para sempre livre de frios e de chuvas, n'um suave conforto que repousasse a sua alma batida pela desgraça.

Trabalhava dia e noite, num esforço



desvairado, ameahando com fúrias d'avarento uns suados tostões que logo a fatalidade dissipava, como se o destino para sempre o houvesse condenado—novo Ashaverus da ventura!—a uma existência inteira de sobresaltos e desconfortos. Umhas vezes, era a mulher que caía doente, outras o trabalho que faltava e sempre, sempre, quando no mealheiro de barro cantavam algumas moedas a catastrophe sobrevinha e todo o dinheiro desaparecia na voragem.

De manhã até à tarde, dava lições e, às noites, cansado e triste, ia tocar para os cafés, para uma multidão desordeira de cocheiros e meretrizes, que exigiam fados e bebiã aguardente.

Madrugada já, fechada a baiuca, ei-lo a caminho de casa, mais cansado e mais triste, a escancelada rabeca debaixo do braço, olhos poissados no chão e no cerebro exausto uma ancia infinita de repouso.

A mulher esperava-o, sempre chorosa e palida, tão magra e descorada que fazia mal beija-la. Tivera um filho—que a desgraça nunca vem só!—e a criança, fraquinha, doente, toda a noite chorava, não o deixava descançar.

Ceava, sem vontade, esfarelando o pão entre os

ção de martir não bastava para tornar suportavel a desolação desse lar hostil.

A's vezes entrava em casa ébrio, o olhar torvo, bramindo ameaças, clamando contra o filho, que não se calava um instante, contra a mulher, contra si proprio, contra a sorte.

Despejava sobre a mesa os ganhos do dia e desesperava-se, bradava que o roubavam, que caíra sobre ele uma maldição: que jamais o seu dinheiro luziria e que não voltaria a ter a sua casa, bem quente e bem arrumada, com amplas janelas por onde o sol entrasse a jorros, logo ao clarear da manhã, onde pudesse trabalhar com calma e felicidade.

Depois, acomodava-se, beijava o filhito, em exageros mórbidos de afetividade, ajoelhado á beira da cama, a cabeça sobre o corpinho magro da criança, em soluços.

Falava então dos seus projetos, dos seus sonhos e, por instantes, n'um deslumbramento, via já a sua pequenina casa reposta, a sua alegre e clara sala de jantar, luzente de cristas e loiças,



dedos, os olhos parados, bem longe dali, seguindo uma ideia pertinaz, obsecante; e, quando a mulher o chamava, aflita daquela atitude desvairada, que parecia um pródromo de loucura, olhava á sua volta, num sobresalto, e tudo lhe parecia mais lugubre e desolador.

As paredes nuas do cubiculo tinham esverdinados traços de humidade e a caliza esburacada deixava ver a ossatura da construção.

Ao canto, a cama revolta, quasi desnuda de roupa, o fogão, onde as brazas morriam, sumidas na cinza, coma pupilas moribundas que se cerrassem...

Gelava-se.

Pelas frestas entravam as guinadas do vento, nas noites de tormenta, a trapeira estremece toda, como a desmoronar-se e como se eles de novo fossem ficar á mercê do destino, como naquele dia negro em que a sua ventura morrera.

Num desespero, erguia-se, tomava o chapéu e abalava, sem uma palavra, uma expressão de furia no olhar, os labios cerrados, enquanto a mulher o seguia tristemente com a vista, calada, compreendendo bem que a sua resignada dedica-

cheirosa de frutos, um candelabro enchendo de luz a toalha alva, onde a comida fumegava; o seu gabinete de trabalho, de mobilia severa, grandes cadeiras convidando á meditação, onde os alunos viriam, todos os dias, ouvir as suas lições, a olha-lo com grandes olhos de admiração, enquanto dentro, no seu berço fofo e de rendas, o pequenito adormeceria, farto, rosado, ao embalo da mãe, toda aconchegada na sua bata clara e fresca...

Não sairia de casa. Passaria os seus dias com as suas musicas e o seu violino, daria uma volta pelo jardimito, á tarde, e, depois de jantar, ficaria uns momentos na sua ampla cadeira patriarcal, a fumar um charuto... Uma vez ou outra, raras, passariam um pouco: os dois atraz, de braço-dado, muito juntos, como namorados, e, á frente, a ama, uma raparigãa tostada e rija, toda de branco, com o bambino embocado em agasalhos, os olhitos expertos mirando a rua... Mas, subitamente, acordava do seu sonho, passeava o olhar esgaseado pelo cubiculo noturno, onde o filho chorava sempre, e de novo abalava, n'um pavor, como se fugisse de uma casa em chamas.

O ano correrá bem e, agora, já não faltava tudo para que o sonho se realizasse. Os discípulos aumentavam, alguns pagavam bem, e, para as noites, aparecera melhor contrato. Tocava n'um teatro, entre músicos de nome, que o consideravam e prometiam ajuda-lo.

Quasi se sentia feliz, tão proximo lhe parecia o regresso á felicidade perdida.

Quando chegava a casa, á noite, com o seu laço negro na camisa muito lavada, de sobretudo novo e botas de polimento, já o não magoava o aspéto lóbrego do casebre, onde o pequeno já tinha um berço e onde a ceia fumegava n'uma pequenina meza com sua jarra de flores.

O mealheiro abarrotava e já na gaveta se ocultavam, bem dissimuladas entre a roupa, algumas notas do Banco.

A casa era ainda a mesma trapeira batida das tempestades, que um amigo compadecido lhes cedera, certa noite de chuva em que vagueavam, á mercê do destino, mas em breve, — quizesse Deus! — tudo mudaria

E tão alegre se sentia que uma noite, ao recolher, annunciou que, no dia seguinte—aniversário do bebé — iriam todos ao teatro, depois ceariam no restaurante e ao termo do mez alugariam um

—Deixa, deixa. Um dia não são dias.

Depois, saíram, sempre de braço-dado, ele a cantarolar baixinho e ela mais ligeira, remoçada, a um ruborsinho na face onde ha muito não clareava um sorriso.

Ao chegarem a casa, ele estremeceu, tornou-se subitamente serio: a porta da rua estava aberta.

Palpou o bolso, alarmado, um pressentimento mau a tortura-lo. Não tinha fósforos.

Subiram, tateando, tropeçando nos degraus carcomidos. A porta da trapeira estava escancarada.

Pararam um instante, mudos, n'um pavor.

- E eu sem fósforos. Que raio!

Ela entrou, poisou a criança no berço. O pequenito, desperto, chorou.

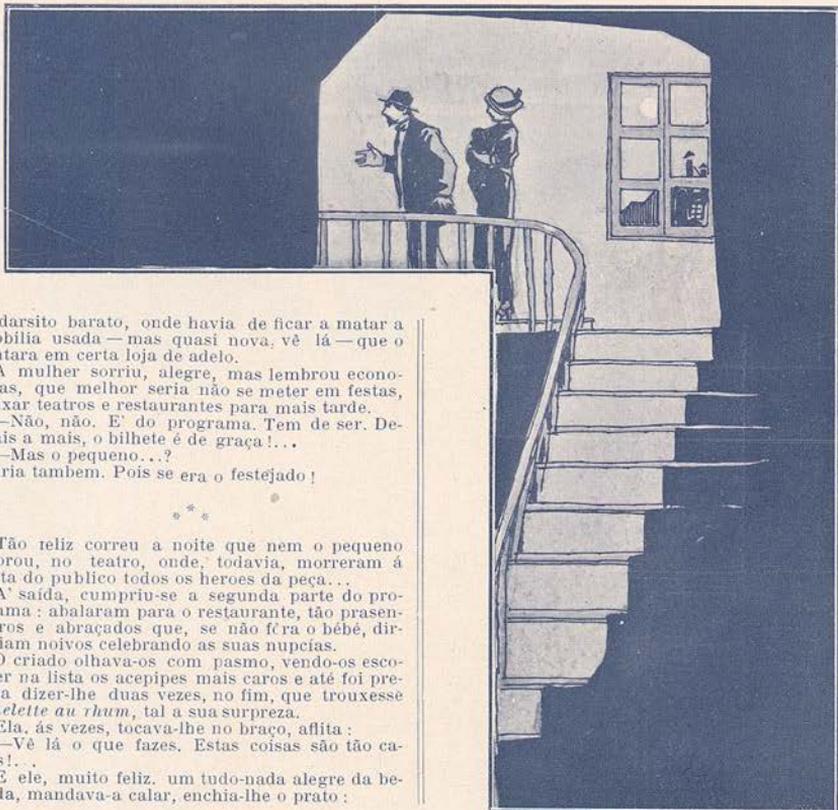
Tateando as paredes, tropeçando nos moveis, abriram a janela, nervosos, sem dizerem um ao outro a anciedade que os tranzia.

Um raio de lua entrou no casebre e aos seus olhos pasmados appareceu, revolta, meio vazia, a gaveta das economias e no chão, despedaçado, o mealheiro...

Entreolharam-se, calados, n'um supremo desanimo.

—A nossa casa!...

SIMÕES DE CASTRO.



andarsito barato, onde havia de ficar a matar a mobilia usada — mas quasi nova, vê lá — que o tentara em certa loja de adelo.

A mulher sorriu, alegre, mas lembrou economias, que melhor seria não se meter em festas, deixar teatros e restaurantes para mais tarde.

—Não, não. E' do programa. Tem de ser. Demais a mais, o bilhete é de graça!...

—Mas o pequeno...?

Iria tambem. Pois se era o festejado!

Tão feliz correu a noite que nem o pequeno chorou, no teatro, onde, todavia, morreram á vista do publico todos os heroes da peça...

A' saída, cumpriu-se a segunda parte do programa: abalaram para o restaurante, tão prasenteiros e abraçados que, se não fira o bebé, dir-se-iam noivos celebrando as suas nupcias.

O criado olhava-os com pasmo, vendo-os escolher na lista os acepipes mais caros e até foi precisa dizer-lhe duas vezes, no fim, que trouxesse *omelette au rhum*, tal a sua surpresa.

Ela, ás vezes, tocava-lhe no braço, afita:

—Vê lá o que fazes. Estas coisas são tão caras!...

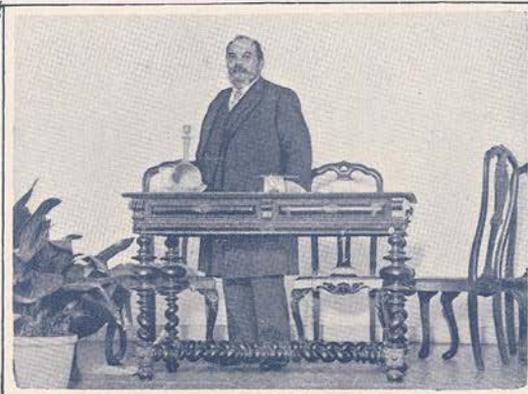
E ele, muito feliz, um tudo-nada alegre da bebida, mandava-a calar, enchia-lhe o prato:

No Salão da Ilustração Portuguesa

A CONFERENCIA SOBRE A "FESTA DA ARVORE"

O illustre senador sr. dr. José de Castro, que é um apaixonado cultor da arvore sobre a qual tem publicado interessantes trabalhos, realisou no Salão da Ilustração Portuguesa uma conferencia sobre o assunto que o apaixonou. Fez o illustre conferente deante d'um numero de publico e a apoloigia do utilissimo semanario *O Seculo Agricola* ao qual se deve a iniciativa da generalisação da festa da arvore em todo o paiz.

Tratou tambem do papel d'este jornal na agricultura e mostrou como a Festa da



O senador sr. dr. José de Castro fazendo a sua conferencia.

ministerios do fomento e da instrução e tambem com o senador sr. Machado Serpa que tomou a iniciativa de realisar brilhantemente essa solenidade nas ilhas.

Arvore é uma forma de chamar o povo ao cumprimento dos seus deveres carinhosos para a arvore n'um culto que só o engrandece.

A Festa da Arvore realisar-se-ha em 8 de Março em todo Portugal para que a alma nacional vibre unisona na mesma data. O *Seculo Agricola* escolheu esse dia de combinação com os



Um aspecto da assistencia no Salão da Ilustração Portuguesa.—(«Gilchês Benolle»).



Um aspêto da linda festa de Carnaval no Club Brasileiro.—(Clichê Arnaldo Garcez)

A' festa de carnaval realizada no Club Brasileiro concorreram as mais formosas senhoras da colonia e da mais seleta sociedade. Dançou-se animadamente, houve elegantes

surpresas e mais uma vez a bellissima agremiação deliciou os seus socios oferecendo-lhes aquella deliciosa festa por todos os motivos digna de nota.

O decreto da amnistia

No dia 22 de Fevereiro foi aplicado o decreto de amnistia assinado na véspera pelo chefe de Estado, aos presos políticos que se encontravam na Penitenciária, no Limoeiro



e na cadeia do paço episcopal do Porto. As famílias dos presos desde madrugada que os esperavam nos atrios das respetivas prisões dando-se cenas enternecedoras de alegria por verem livres das pesadas condenações os entes que lhe são queridos. O decreto de amnistia excetua além dos que se serviram de dinamite os autores de atentados pessoais, sendo tambem inflingida a pena de banimento a onze individuos tidos como chefes e instigadores do movimento e que são os srs. Paiva Couceiro, Azevedo Coutinho, Jorge Camacho, Victor Sepulveda, Homem Cristo pae, padres Domingos Pereira, Julio Barroso, Julio Candido Cezar, A. Leite Maciel e ex-capitães Souza Dias e João d'Almeida.

1. Depois da assinatura do decreto: O chefe do Estado tendo à sua direita o presidente do governo, ministros da guerra e da marinha e à esquerda os ministros da justiça, colonias e instrução publica.

1. Depois da assinatura do decreto: O chefe do Estado tendo à sua direita o presidente do governo, ministros da guerra e da marinha e à esquerda os ministros da justiça, colonias e instrução publica.



2. Antes da saída dos presos políticos da Penitenciária, os srs. D. João d'Almeida, D. José de Mascarenhas, conde de Mangualde e Francisco Ficalho, ao fundo os srs. Peres e Laurentino Pereira. 3. Aspecto da ala Centro da Penitentiária onde as famílias dos amnistiados os aguardaram.—(Clichés de Benoitie)



No solar de Povos

No velho parque do solar antigo
que a *gratine* do tempo acentuou
essa *rua dos cedros* deu abrigo
a muito idílio que se ali passou.

Evóco as damas de perfil suave,
sinaes na face, anquinhas e polvilhos,
de voz serena como um trilo de ave,
ouvindo os moços nobres e casquilhos,

Que de calção e vestes de setim
tricornes sobraçados e mão na espada,
punhos de renda e modos de alfenim,
falam de amor em frase rendilhada :

Galanteios subtis, a pura essencia
da lisonja mais fina e mais discreta,
madrigaes murmurados na cadencia
das mesuras gentis da etiqueta.

Despendem um aróma inebriante
as rosas no jardim, em mil festões
ouve-se o marulhar de agua cantante
e mais ao longe o grito dos pavões.

Sobre o anil do lago transparente
os brancos cisnes, n'uma curva leve,
cortam as aguas amorosamente
como formosas gondolas de neve.

A' noite nos salões, á luz esparsa,
ainda a fantasia a vêr me leva
a bela castelã—côlo de gárça,
negros olhos de esfinge, côr de treva

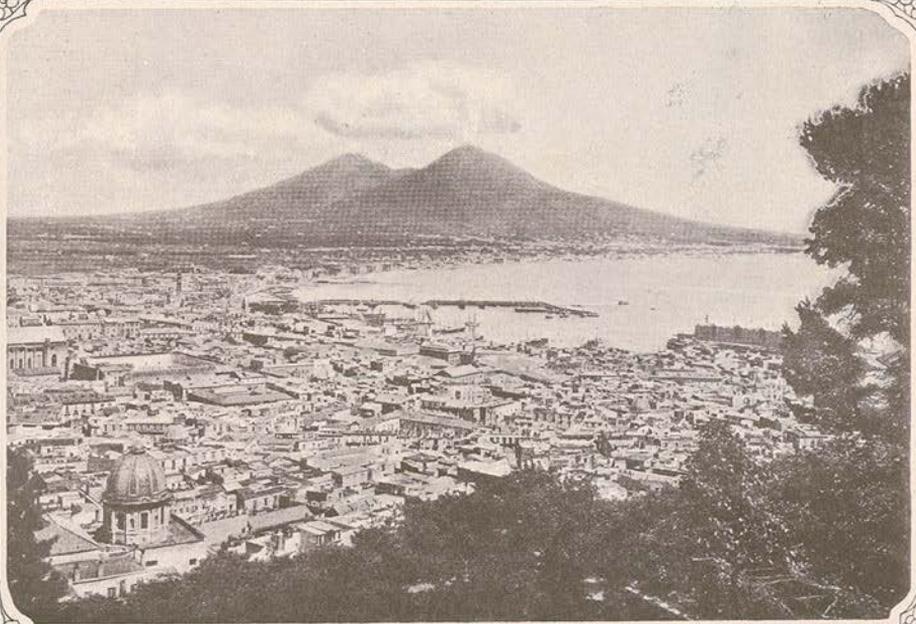
Ouvindo atenta um primo que na côrte
uma vida faustosa lhe promete
e lhe fala de amor até á morte
entre as marcas d'um lindo minuete...

A dança terminou e no salão
o lindo par, sonhando, inda ficou,
n'uma decorativa posição,
lembrando um belo quadro de Wateau.

Agora n'alameda solitaria
onde eu sonhei esta quimera vã,
a minha fantasia refrataria
procura ainda a bela castelã...



Vulcões



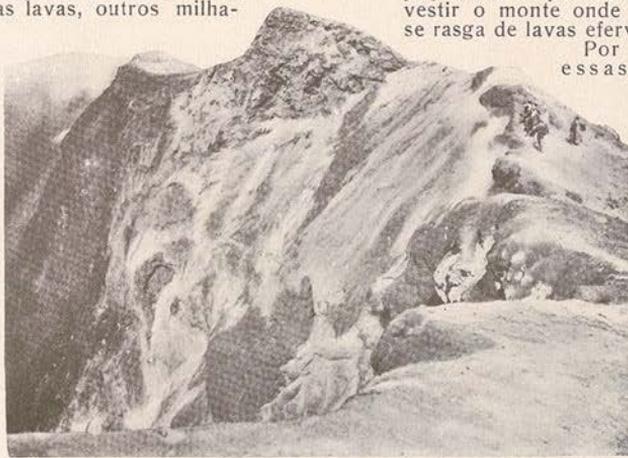
Napoles e o Vesúvio

O vulcão de Sakura Shima, no Japão, causou há pouco uma das mais terríveis catástrofes de que ha memoria n'este paiz frequentemente attingido por flagelos d'essa natureza. Milhares de pessoas ficaram sob as lavas, outros milhares fugiram espavoridas vagueando nos arrabaldes da cidade de Kugo Shima, ao sul do imperio esfaimadas e esperando socorros.

Os primeiros comboios não puderam conter a enorme quantidade

de de desgraçados que pediam agasalho; os primeiros mantimentos eram disputados loucamente enquanto ao longe o vulcão continuava a arremeçar para o espaço as suas pedras candentes e a vestir o monte onde a sua cratera se rasga de lavas efervescentes.

Por toda a terra essas cenas, que parecem significar as coleras da misteriosa elaboração dos centros ativos produzem de quando em quando as pavorosas catástrofes. Calcula-se que desde ha tres se-

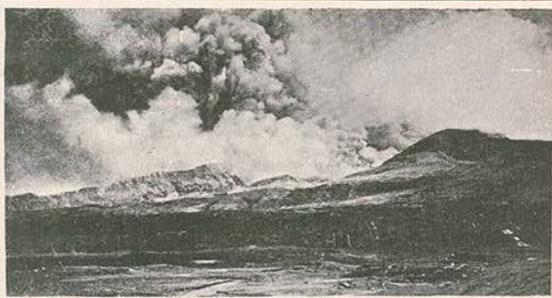


Nos rebordos da cratera do Vesúvio.

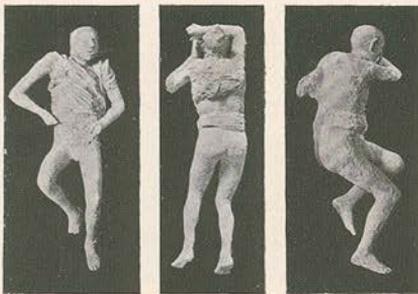
culos te-
nha ha-
vido
mais de
quatro-
centos
os vul-
cões em
atividade.
Desde
ha mu-
itoseno-
ta que
este são
geral-
mente
os das
ilhas
ou os
que
estão
muito
proximo
do mar
e de-
seguida
os que

nas monta-
nhas que
contornam
o Pacifico
atiram para
o azul as
suas fuma-
radas
negras.
Ha uma
cadeia
quasi
continua
que é
formada
pelo
Kamtscha-
ka, mon-
tes Alentianos
e de
Alaska;
das ilhas
da Asia,
Kurilas,
Japão,
Marianas,
arqui-
pelago
Malaio
e Nova
Guiné.

Ha tam-
bem a
das ilhas
Salomão
da Me-
lanesia,
Polynesia
e Nova
Zelandia.
Só nas
ilhas
Malaia
ha mais
de qua-
renta
e nove
vul-



O vulcão de Kilanea. Chão de lava.



Cadaveres d'homem, mulher e velho deltados, que estão no museu de Pompeia e foram encontrados no desatero da cidade, que a lava sepultou.

cões em
ati-
vidade
sendo
vinte
e oito
em Java.
O
Japão
tem
trinta
e cin-
co vul-
cões
dos
quaes
o mais
elevado
é o
Fusyama.
Nas ilhas
Kurilas
ha
deseseis,
no
Kamtscha-
cka
doze.

Uma ca-
deia vulca-
nica
envolve
as Ame-
ricas
e em
pleno
Paci-
fico,
nas ilhas
de San-
dwich
e d'Hawai
que os
portu-
guezes
habi-
tam em
grande
quan-
tidade,
ha os
vulcões
de Mam-
ma Kea
e Mam-
ma Loa
tendo
este
duas
crateras
uma no
cume,
outra
nos
flan-
cos a
que se
celebri-
sou sob
o nome
de
Caldeira
da Kilanea.
Em 1840
quando
este
vulcão
foi
estuda-
do apre-
sentava
uma
circun-
ferencia
de do-
ze
kilometros
e contin-
ha varios
la-

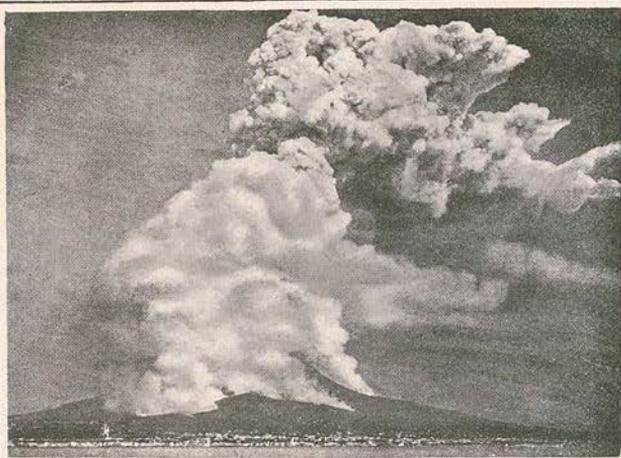


Chão de lava nas proximidades do vulcão de Kilanea. — (Fotografia cedida pelo distinto oficial sr. Luiz Franco.)

gos de lavas em fusão dos quaes o principal tinha trezentos metros de diametro. Em 1867 uma derrocada abaixou a cratera trinta metros e em 1886 e 1891 os tremores de terra fizeram desaparecer os lagos candentes.

E' a proposito d'este vulcão de Kilanea que o nosso compatriota sr. Luiz d'Oliveira Franco escreve as seguintes e curiosas linhas:

«O vulcão de Kilanea na ilha de Hawai



A grande erupção do Vesúvio em 1872.

é um dos mais visitados devido ás facilidades de condução da cidade do Hilo para o seu local, aproximadamente 65 kilometros. Proximo do vulcão, a uns 13 kilometros de distancia da cratera, ha dois hotéis com boas acomodações sendo o melhor o

Vulcano House mais proximo dos bancos de enxofre e donde se avista a cratera.

E' o maior vulcão em atividade que existe. A sua cratera está acima do nivel do



Um dos rebordos da cratera do Etna

mar 1.230 metros e é de forma oval com 925 metros de comprimento por 615 metros de largura.

Umás vezes o vulcão lança labaredas a grande altura; e é então durante a noite a ocasião de vêr um dos mais magestosos espetáculos da natureza. A lava escura n'uns pontos mais amontoada do que n'outros, á maneira de rochedos n'uma dis-

Outras vezes em que o vulcão, como lá se costuma dizer, está apagado, lança enormes massas de fumo que se elevam na atmosfera até se confundirem com as nuvens. Ouve-se então o barulho da lava fervendo e chocando-se, ouvindo-se de espaço a espaço enormes roncões e um ruído parecido com o de enormes pedras a desabar.

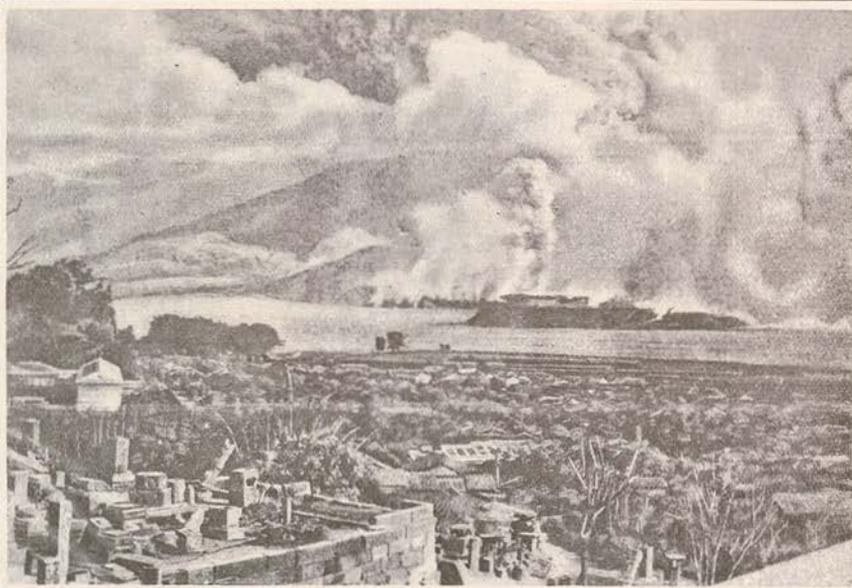


1. A cratera do vulcão Poas, na Costa Rica, transformada em lago.—2. Uma erupção do Stromboli

posição irregularíssima e extravagante, a desenhar-se com todos os seus contornos n'um fundo rubro de fogo, e o rubro das labaredas a colorir as nuvens e o firmamento dão a ideia d'um maravilhoso quadro feérico de magia em que se apresentam quadros do inferno... em ponto grande.

N'esta ocasião os visitantes podem andar sobre a lava fria e sente-se então, a impressão de que se anda sobre um chão de crôsta ôca e um tanto de respeito pela natureza que ali não é para graças.

Ha largas fendas abertas no chão de lava por onde saem vapores de enxofre e



3. A erupção do vulcão Sakura Shima, no Japão que causou milhares de vítimas

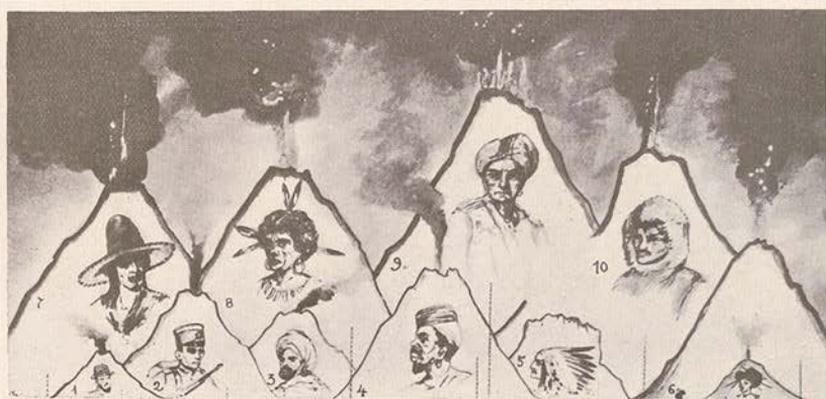


nas quaes a temperatura é elevadissima. A cada passo se vê fios e massas de fumo saindo pelos interstícios da lava arrefecida e pelas fendas maiores.

Encontra-se lava disposta bizarramente em grandes blocos cheios de

vil's house». Casa do Diabo—com uma disposição curiosissima. Tem a sala de recepção onde os visitantes deixam cartões de visita com datas escritas e selguros com arames espetados nos intervalos das paredes rugosas.

Tem outra que se chama «Devil's Kitchen» — Cozinha do Diabo—onde ha



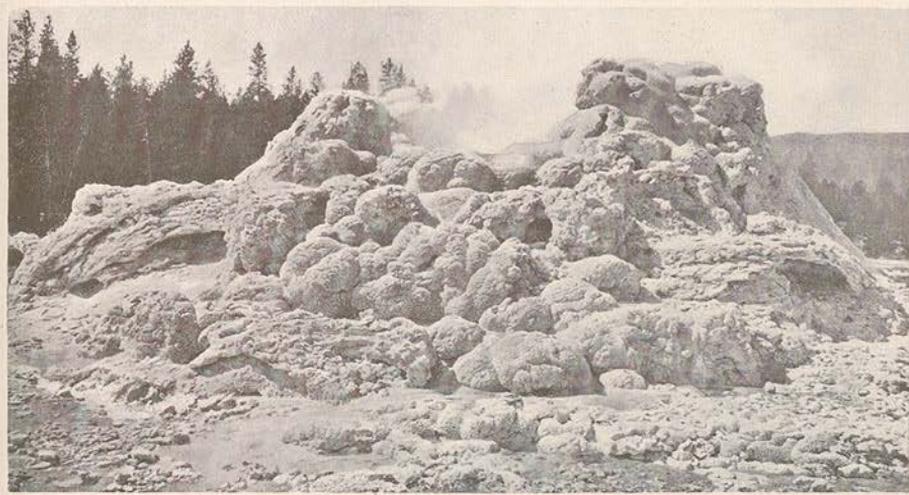
A proporção dos vulcões por toda a terra—1. Europa—2. Japão—3. Asia—4. Africa—5. America do Norte—6. Nova Guiné—7. Mexico—8. America do Sul—9. Filipinas e Sunda—10. Estreito de Behring.

arestas umas vezes formando enormes pedras, outras, grutas ás quaes se desce.

Ha lá uma gruta a que se chama «De-

vil's house». uma fenda na qual a temperatura é elevadissima.

Depois da grande erupção do Vesu-



A cratera do Castle Geyser ou Castelo Forte em Yellovestone.

vio que soterrou Pompeia nunca mais grande catastrophe d'este genero se deu com os ativos vulcões da Europa como o Stramboli que causou a admiração nas ilhas Lapani como Vulcano e o Etna na famosa Sicilia.

O Stramboli deixa escorrer de quando em quando, como em 1889, as suas lavas. O Vulcano manifestou-se a ultima vez em

1890 depois das grandes erupções de 1879.

O Vesuvio gerou no ano 79 a catastrophe que tanta curiosidade despertou desde as primeiras buscas que se fi-

zeram na cidade soterrada e na qual se poude reconstituir a admiravel civilisação d'aquella epoca. Depois, de seculos em seculos o Vesuvio uma duzia de vezes recommçou a sua erupção. Em 1632 ella foi violenta, em 1872 foi mais intensa ainda. Seguiram-se depois com menos intensidade as de 1889, 1891, 1894 e 1895 que transformaram a cratera do vulcão magestoso.

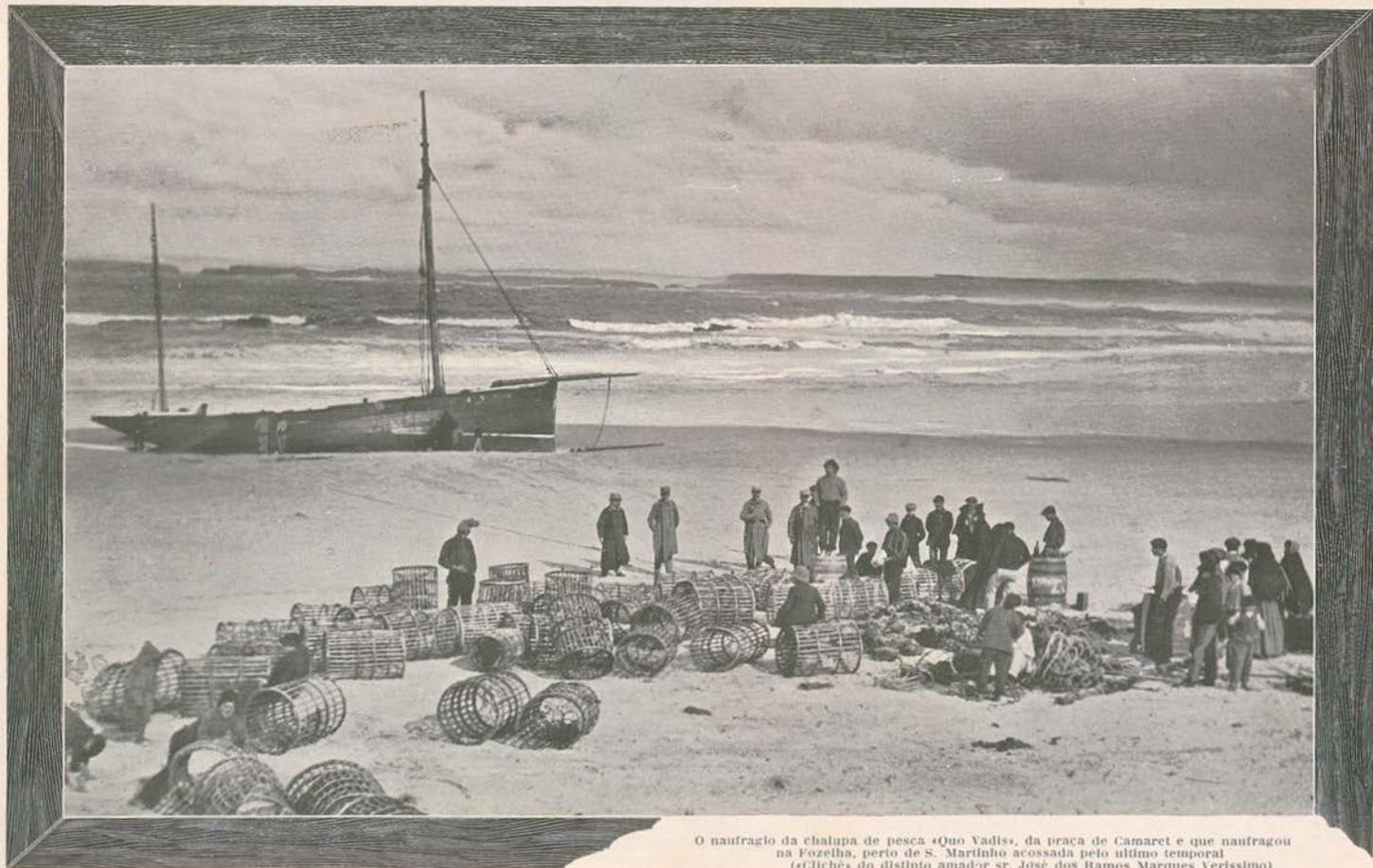
O Etna destruiu na antiguidade as cidades de Naxa e Hybla; no seculo XVII tambem teve erupções que causaram a morte a mais de 20 mil pessoas e em 1892 teve a sua ultima convulsão violenta. Depois d'isto parece ter-se acalmado.

Transformam-se assim os vulcões; alguns são depois mesmo lindos lagos como a cratera do Poas na Costa Rica.

Depois do fogo a agua. Quantos seculos ainda para que isso succeda á cratera sinistra do Sakura Shima?



Os grandes blocos de lava do vulcão de Kilanea.—(Fotografia cedida pelo sr. Luiz Franco)



O naufragio da chalupa de pesca «Quo Vadis», da praça de Camaret e que naufragou na Fozelha, perto de S. Martinho acossada pelo último temporal
(«Cliche» do distinto amador sr. José dos Ramos Marques Verissimo)

O campeonato de "foot-ball" de Lisboa



Alberto Rio e Figueiredo no jogo.



A taça da Associação de "foot-ball" de Lisboa.



O grupo de Sport Lisboa Benfica.



Um aspeto geral do desafio entre os clubs Lisboa Benfica e Internacional, em Palmavá, a que assistiram mais de sete mil pessoas e no qual ficou vencedora aquela Associação.—(Glicésio A. Garcez).

O Gremio Africano



Fundado em Janeiro de 1913, em Loanda, capital de Angola, o Gremio Africano teve os seus estatutos aprovados pelo governo geral em Março do mesmo ano.

De fins instrutivos, educativos e recreativos, o Gremio não pde por enquanto realizar senão os dois últimos com a construção d'um pequeno palco — que, no entanto, é o mais amplo de quantos existem em Loanda—Jogos desportivos e sa-raus. Brevemente, porém, espera ter aulas de Inglez, francez, musica, dança e escripturaçao comercial.

A associação, que tem cerca de 150 socios, funciona n'um belo predio da travessa da Sé, e as suas dependencias estão mobiladas com simplicidade não isenta de arte.

No seu esplendido salão, a *troupe* dramatica de Joaquina Velez, que, em meados de 1913, fez uma *tournee* pela Africa Occidental, realisou um espectáculo, que esteve concorridissimo.

Possue o Gremio Africano bandeira sua (o pavilhão auri-verde, como lhe chamam os associados), de fundo verde e uma estrela amarela ao centro, rodeada de outras cinco, de menor grandeza, representando a primeira o distrito de Loanda e as outras os cinco restantes da provincia.

Pela boa e elevada orientação seguida pelo Gremio, tem o mesmo sido alvo de simpatias geraes, que lhe tem valido a adhesão de cotados elementos da colonia.



1. Fachada do edificio do Gremio.—2. Gabinete de leitura.—3. Salão de bilhar.



4. Grupo dos funcionarios das alfandegas de Angola que prestam serviço na sede da respectiva Administração do Circulo em Loanda. — Da esquerda para a direita: Primeiro plano, 3.º official Medeiros Tavares; 2.º official E. Viana Costa; 1.º official Castelhano; Administrador do Circulo Casimiro de Almeida Azevedo; o actual chefe de serviço Carlos de Aguiar; 3.º official Barbosa Rodrigues; 1.º aspirante J. de Oliveira.—Segundo plano: 2.º aspirantes Matos Mendes, Costa Gomes, Torres de Souza, Paula e Brito, Eugenio de Almeida, Crato Bensabat Valente, Oliveira Miranda, 1.º aspirante Viana, 2.º aspirante Paulo Chaves, 1.º aspirante Faicão de Carvalho e o 2.º aspirante Adriano de Barros.—Terceiro plano: 2.º aspirante Carlos Purificação, Adelino Fontes e Gilberto de Castro.

Figuras e Factos



1. Sr. dr. Antonio Padua, falecido em Coimbra.—2. Sr. João José M. Gama, socio da firma Azevedo & Irmão, falecido em Lisboa.—3. General João Pereira Mousinho d'Albuquerque, falecido em Lisboa.—4. Sr. dr. Gonçalves Preto, falecido na Madeira.—5. Sr. Alfredo Mayone Moradillo, official da marinha mercante, falecido em Lisboa.



O alferes de infantaria sr. Manuel Augusto Pedro, morto pelo gentio na Guiné.

O gentio da Guiné que vitimara o alferes Nunes, administrador de Cacheu, depois de sofrer uma derrota, atacou o posto de policia rural, no territorio balanta e que o alferes sr. Manuel Augusto Pedro comandava, trucidando-o assim como a dezoito praças indigenas. Vae-se armar uma expedição com os recursos de que dispõe o governo d'aquella colonia a fim de dominar o gentio rebelde e dar-lhe lição egual á que ha pouco lhe infligiu o capitão Teixeira Pinto derrotando-o e tomando-lhe 22 prisioneiros.

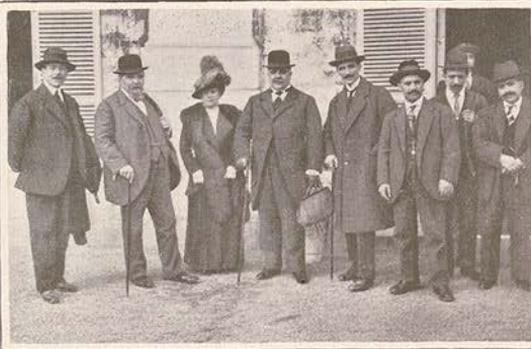


As creanças da cantina escolar de S. Mamede no dia do 3.º anniversario da sua fundação



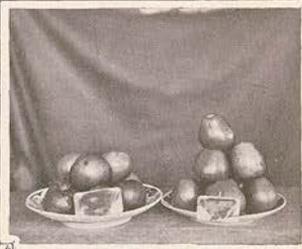
Depois da festa trimestral no Liceu Pedro Nunes, grupo que tomou parte no espetaculo «Cliches» de Benollet)

A festa da arvore para a qual tanto tem contribuido o *Seculo Agricola* começa já a ser tratada esteano. A Liga dos Melhoramentos de Algés promoveu uma conferencia do sr. dr. Veloso Araujo sobre o culto da arvore na qual foram feitas as referencias devidas ao brilhante semana-



Conferencia preparatoria da festa da arvore: O director do «Seculo Agricola» sr. Castro Neves, dr. José de Castro e membros da Direcção da Liga.

rio. Também usou da palavra o senador sr. dr. José de Castro que tem publicado valiosos trabalhos sobre as arvores. O sr. Castro Neves director do *Seculo Agricola*, assistiu a essa magnifica sessão cujo fim altamente simpatico é digno de todos os auxilios e da maior propaganda.



Exposição de frutos dos srs. Moreira da Silva & Filhos na casa Último Figurino no Chiado: 1. Belos exemplares de toranjas rugosas.—3. Tangerinas—4. Perós.



Aspeto da festa infantil realisada no Ginasio Club («Clichés» de Benoitel)

E' bem certo que a moda dá voltas tão singulares que surge n'um seculo igual quasi inteiramente á d'outros. Ainda ha pouco isso viu nas golas altas das capas femininas um quasi nada diferentes d'aquelas que Ana d'Austria usava quando dava a sua linda mão a beijar a lord de Buckingham. Ultimamente a moda foi mais alem. Os cabelos que as romanas tingiam de varias côres, no periodo da decadencia — e ainda nem as de todas as castas — voltaram a apparecer com aqueles tons exóticos que são apenas alarmes. Já havia o ruivo pouco natural mas emfim nascido; o branco dos albinos, o pardo dos esquimós, as peles vermelhas; mas cabelos roxos, verdes, azues, só agora, depois dos tempos de Ro-



ma, surgem a-trevidamente. Naturalmente será moda de pouca dura.

Mas eis que se recua ainda mais. Quando uma mulher se põe a disputar com outra é vêr—atravez de todos os sacrificios — qual leva a melhor. Apareceu agora a moda de pintar nos rostos as cousas mais singulares. São as aves, as serpentes, os peixes, as flôres exactamente como nas epochas recuadas de Bruhanilda e Fredagonda.

Até aqui a rainha Ginga, no centro d'Africa, fazia d'isso o seu maior luxo, é certo que em tatuagens, agora é crível que a negrinha passe a usar o mais diaphano, o mais aromatico, o mais branco pó d'arroz desde que o rosto das mulheres a boulevard arvora no vibora, o pardal e o escorpião.



1. A moda nova que as parisienses inventaram.

2. A primeira direcção do Centro Republicano Portuguez no Pará: Grupo de pé da esquerda para a direita srs. Augusto Vieira de Faria, José Torres Correia d'Almeida, vogaes; Manuel José de Freitas, secretario; Francisco da Silva Raposo, vogal; Francisco Pinto Silva Junior, tesoureiro; Antonio Seabra Moura, 1.º secretario; Abilio Augusto Teixeira, vogal. Sentados da esquerda para a direita srs. Floriano B. de Brito, presidente d'assembêa geral; José Mario Pinto da Costa, 3.º secretario da assembêa geral; Alvoeiro, presidente da directoria; Augusto Alves Teixeira, 2.º secretario da directoria; J. J. Nunes da Silva, vice-presidente da assembêa geral.

CARNAVAL NO PORTO

De ha uns anos para cá que o Carnaval tem sido uma cousa parada sem graça esfusante e sem brilho como no tempo dos grandes cortejos, entre os quaes se deve sempre rememorar o dos Fenianos do Porto, que tanto dinheiro, tanto trabalho e tantos cuidados custou.

Este ano, os rapazes das escolas da capital do norte fizeram tambem os seus festejos com um cortejo interessante, no qual houve algumas alusões de veras engraçadas que não feriam nem molestavam.

Abria-se por uma bela cavalgada intitulada dos cavaleiros do amor, composta por um es-



O carro da caravela.

quadrão de rapazes imitando donairosos officiaes com espalhafatosos «bonets» á bulgára cujo emblema era um coração.

Seguia-se o carro da Ins-

trução e logo outro que era realmente engraçado no qual ia toda uma «charge» a uma recente questão policial e a uma celebre fita animatografica. Intitulava-se «Homero contra Fantomas» e os estudantes vestidos de negro, com os seus capuzes eguaes aos dos cartazes da conhecida fita, formavam um conjunto cheio de ironia.

A eterna vacacional era outro carro tambem muito interessante, no qual se arvorava a



O carro das Vacas Gordas.



mastrevada em que se simboliza o presente dos monarquicos a qual era seguida ainda por varias carripanas de onde esfusiava alegria.



Isto passou por entre as alas da multidão que ria a bom rir, indo do largo da Academia pelo Carmo, dando uma grande volta na cidade no meio da mais franca gargalhada e sob um chuva de projeteis carnavalescos e sacos de bombons que se lhe atravavam d'algumas janelas.

Foi um dia alegre no Porto esse em que o cortejo academico foliou pelas ruas da cidade invicta.

Quando a festa terminou com o regresso á Universidade, alguns dos mais divertidos rapazes espalharam-se por diversos sitios da cidade com os seus trajos pitorescos, sendo sempre seguidos por povo que ria com as suas piadas.

A' noite apareceram tambem em alguns bailies de mascaradas nas casas de espetaculo

Uma charge sobre um incidente parlamentar que interessou o publico.

mascara de um senador. Havia ainda o carro da charge ao parlamento, que representava um barracão de touros, onde se degladiavam os politicos

mais em evidencia. Uma galera pintada d'azul e branco levando um marujo caracterizado como um conhecido almirante levando uma facha com a palavra «patriotismo», intitula-se o carro dos adesivos e passa por entre as mesmas gargalhadas que acolheram os outros.

Ao carro das vacas gordas segue-se o da caldeira de Pero Botelho que era encimado por uma cebola e guardada por um bufo e por um Homero.

Seguiu-se o carro da imprensa que era uma enorme «charge» aos jornaes academicos e o cortejo continuava com o carro do regimen vegetariano de picarescas alusões a um medico portuense que tem pugna-do por esse regimen alimentar.

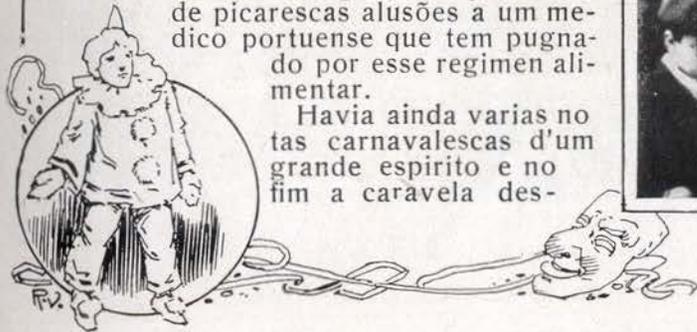
Havia ainda varias notas carnavalescas d'um grande espirito e no fim a caravela des-



A charanga do Arrlnca Cristos



O carro da caldeira de Pero Botelho. («Clichés» Alvaro Martins)

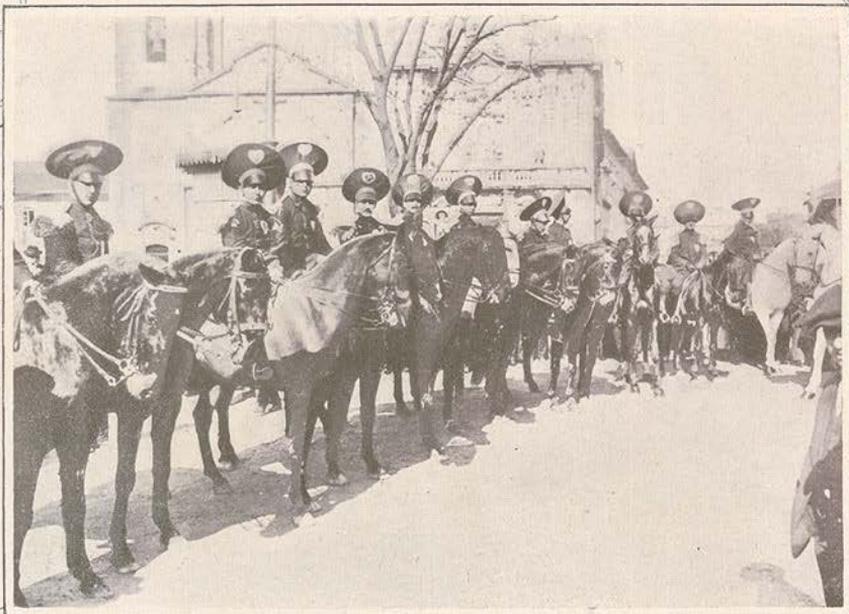




O carro das formigas brancas e preias

magníficas que o Porto tem ultimamente inaugurado, sendo assim iniciadas as férias e o carnaval.

O Porto teve uns dias d'intensa alegria no meio da sua faina quotidiana de grande cidade do trabalho.



O pelotão de cavalaria que fez a guarda de honra do cortejo.—(«Clichês» do sr. Alvaro Martins)

EM LISBOA

Os dias de Carnaval passaram-se sob chuvadas violentas mas ainda assim houve alguma animação sobretudo na Avenida e Chiado onde apareceram alguns carros com ornamenta-

creancinhas mascaradas que mais despertaram as atenções com os seus trajes pitorescos e com as suas mais engraçadas atitudes.



A menina Arlinda Conceição Jesus Silva, vestida de minhota.



Minuete



Um tambor Imperial



Depois do baile infantil no Ateneu.

ções originaes. O Carnaval, porém, vae-se restringindo mais de ano para ano e d'ahi a sua grande efervescencia ser nos bailes publicos e particulares.

A sua nota graciosa foi ali dada pelas lindas mulheres que a essas festas concorreram, assim como nas ruas foram as



Um pequenino Afonso Costa



Um aspêto da Avenida em domingo gordo (Clichés de Benoitte)

CARNAVAL DE NICE



O carro da Musica

O Carnaval de Nice é um pretexto elegante para se gastarem rios de dinheiro. O cortejo composto por figuras e carros d'uma grande magnificencia,

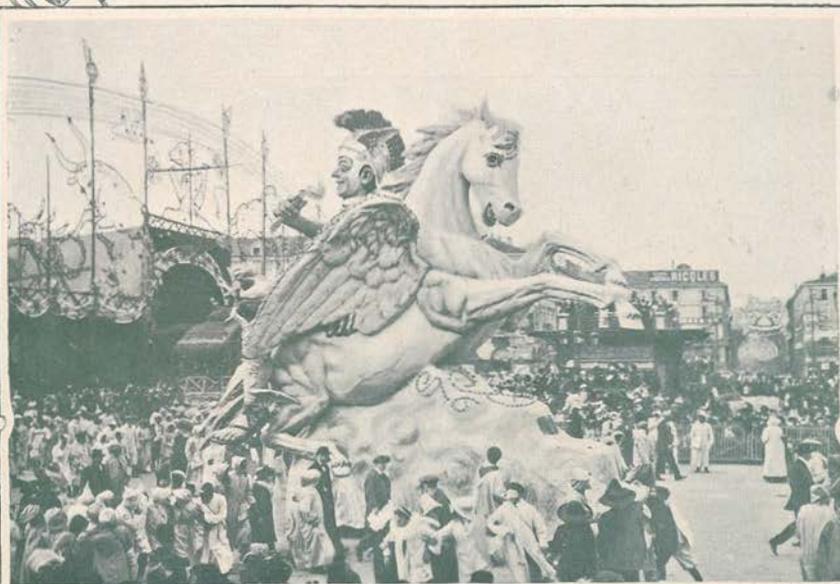


O carro da Ave Azul



escortados por cavaleiros caricaturalmente brilhantes, desfila por entre o entusiasmo dos assistentes que arremesam *confetis*, serpentinas e toda a metralha carnavalesca que Nice é a primeira cidade

do mundo a vê e em honra da qual se inventam. Acresce que de toda a parte vão ricos forasteiros assistir ás festas que deixam sempre grandes lucros á linda terra cujo clima é um encanto mesmo n'este periodo d'invernia. Este ano foi ali encantador o carnaval.



1. A desfilada do cortejo na praça de Manena.—2. O carro do rei Carnaval representando Proteu sobre o Pégaso.

Portuguezes e brasileiros na Alemanha



Uma das salas da nova séde do Club Luzo Brasileiro, em Mettweiða, Alemanha.

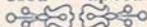
Mettweiða é a cidade d'Alemanha onde ha mais portuguezes e brasileiros. São na sua maioria rapazes estudantes das escolas de engenharia e outras ciencias que ali fazem os seus cursos. O nucleo de portuguezes e brasileiros é grande e as suas relações são as mais estreitas, vivendo n'uma grande harmonia não esquecendo jámais a amizade que liga as duas patrias.

Fundaram esses rapazes um club pelo qual já tem passado gerações de estudantes que ali se divertem e ao mesmo se instruem, porque não só a festas essa

agremiação é destinada.

No Club de Mettweiða encontram-se, uma biblioteca esplendida, salas destinadas a trabalhos intellectuaes ao mesmo tempo que

as ha tambem para animados divertimentos. A idéa d'essa associação de estudantes dos dois paizes demonstra bem como existe uma atração entre portuguezes e brasileiros e tem a vantagem de formar amizades que mais tarde pôdem ser de grande interesse para as relações sempre crescentes entre as duas patrias jámais desligadas em afeto apesar do oceano que as separa.



Socios ativos do Club «O Luzo Brasileiro» de Mettweiða em 1914.

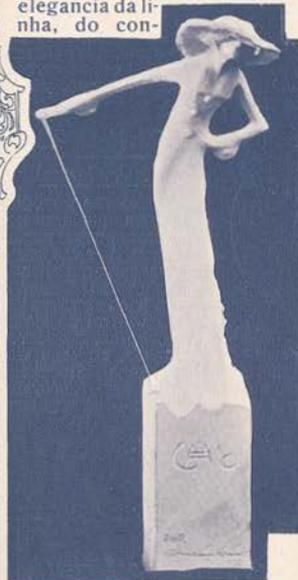
Exposição de caricaturas no "Salão da Ilustração Portuguesa"

A exposição de caricaturas do ilustre artista sr. Correia Dias é composta por uma infinidade de trabalhos onde resalta a marca da originalidade. E' o artista do chic, do precioso, da elegancia da linha, do con-



O ilustre caricaturista sr. Correia Dias

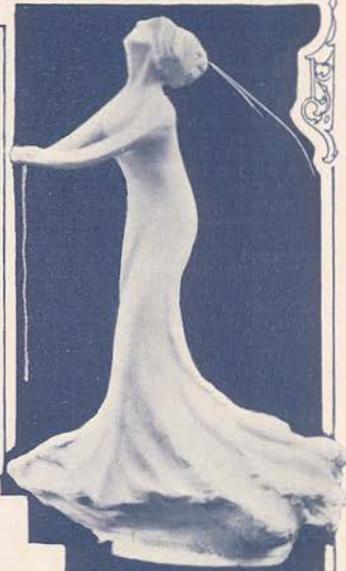
valeiro da Triste Figura aparece com o seu Rossinante tem uma graça nova apesar do classicismo da personagem tantas vezes desenhada, mas as creações do sr. Correia Dias, as suas obras originaes d'isso vivem tambem. Basta percorrer a ex-



Empavonada em barro



Dr. Teixeira de Carvalho



Chic trabalho em barro

torno feminino que sabe como poucos definir com a grande arte da simplicidade. N'um traço sobrio dá as impressões mais vivas. Umavez é o artificio feminino com a sua graça, outras a nota saltitante d'uma ironia, ainda o quadro tragico e a *blague* caricatural que não fere.

Tem, sobretudo, esse artista, que surge já sem defeitos, um pessoalismo encantador em tudo que produz. Uma miniatura onde o ca-



posição, fixar uma a uma as caricaturas, os desenhos, os barros e tem-se logo a impressão de que é alguém quem, com uma larga aspiração artistica, com uma audacia interessante de processo, assina aqueles trabalhos. O sr. Correia Dias apenas quiz apresentar-se ao publico em Lisboa, não tencionando vender nenhum dos seus trabalhos e partirá para o Brazil dentro em pouco.

Emigrantes



TEATRO

TEATRO DO GINASIO

Não largues a Amélia

O teatro do Ginasio escolheu para o Carnaval Feydeau, o mestre do teatro libertino em França. O teatro de Feydeau resume-se sempre n'uma mulher em camisa. Essa mulher despida dá-lhe tres ou quatro atos—e é em volta d'ela que giram, passam, se acotovellam, se insultam, dançam, cantam, espream, as outras figuras, todas mais ou menos em ceroulas. E' admiravel como este homem de espirito tem conseguido tirar sempre da mesma fralda de rendas uma duzia de peças de successo. Que prodigio de tecnica, de malicia—esse eterno *qui-pro-quo* de roupas brancas!

Feydeau não explora o que, em teatro, se chama a situação; explora a peripecia. E fal-o com uma prodigalidade de imaginação inexcédível, embora o faça sempre com uma moralidade também inexcédivelmente equívoca. Aquelas figuras dão-nos, é certo, a impressão de que andam em cena aos piparotes—mas afinal, tudo aquilo é medido, calculado, talhado, preparado com uma ciencia e segurança de efeitos magistraes. A ação é apenas um engenhoso atropelo de episódios comicos que, por isso, precisam, sobretudo, de rapidez, espontaneidade, movimento na interpretação.

A representação do *Occupe-toi d'Amélie*, que, com o titulo *Não largues a Amélia*, o delicado e

brilhante homem de letras que é Acacio de Paiva traduziu espirituosamente, como ele sempre traduz, resentiu-se, evidentemente, ali, no palco do Ginasio, da falta d'essas qualidades de rapidez e movimento. Feydeau foi representado um pouco como quem representa Gervasio—e d'ai resultou um picante prato francez servido demasiadamente á portugueza. Mas o paladar ficou—com bastante pimenta ainda para deliciar os apreciadores do bom marisico em teatro.

TEATRO DA REPUBLICA

O Tango Cordeal



O illustre escritor Eduardo Schwalbach, autor da peça «O Tango Cordeal»

O mestre dos comediongrafos portuguezes, mestre na arte portugueza de rir e fazer rir, esse sempre delicado e espirituoso Eduardo Schwalbach escreveu para o carnaval do teatro da Republica 3 quadros de revista, que são tres encantadores quartos d' hora de graça. Schwalbach não é apenas um soberbo dialogador—é, sobretudo, um adoravel creador de tipos. A sua galeria



Uma cena da peça «Tango Cordeal» que se está representando com grande successo no Republica.



O sr. Acacio de Palva, tradutor da peça «Occupe-toi d'Amélie», de Jorge Feydeau.—Uma cena da peça «Não largues a Ameila», que se está representando no Ginásio.

de caricaturas é rica: levanta-as com um dito, com um traço, com um sorriso.

O *Tango Cordeal* é um album de caricaturas políticas. *Ridendo castigat...* O meu caro Schwalbach, que imperdoável silêncio o do autor d'*A Bisbilhoteira!* O *Tango Cordeal* veio abrir-nos o apetite d'essa fantasia comica endiabrada que escreveu *Os Pimentas*, *O Intimo*, *Os Retalhos*, da delicada sensibilidade que escreveu *A Cruz da Escola* e *Os Postiços*.

Schwalbach, que imperdoável silencio o seu!

TEATRO POLITEAMA

A Era dos Afonsinos

navalesca, o sr. Bernardino Machado—e o *Tango Argentino*.

Encarregou-se da tarefa o sr. Alvaro Cabral que, sendo um ator alegre é também um homem alegre—o que não é tão frequente como á primeira vista parece.

A. DE C.



Um aspeto do palco do teatro Politeama durante as festas do Carnaval pintado pelo cenografo sr. Lulz Salvador.

(Clichés de Benollet)



O ator Alvaro Cabral, autor da revista «A Era dos Afonsinos» que se representou no Politeama

FIGURAS & FACTOS

O *Seculo* e as suas publicações continuam tendo uma enorme expansão. Abrangem essas publicações diversas especialidades sendo todas elas interessantissimas nos assuntos a que se dedicam como a *Illustração*, *Portuguezia* desempenhando o seu papel de *magazine* moderno, o *Seculo Comico* um admiravel semanario satirico, o *Suylimento de Modas e Bordados* um repositório de elegancias e o *Seculo Agricola* um jornal de especialidade digno de nota.

Contam estas publicações grande numero de leitores por toda a



Sr. Antonio Soares d'Albergaria

parte onde ha portuguezes, mas para tornar a sua ação mais poderosa e fecunda partiu ha dias a bordo do *Germania* para os portos da America do Norte, onde vivem nossos compatriotas, o nosso amigo sr. Antonio Soares d'Albergaria, cujas altas faculdades de empreendimento de ha muito se revelaram e agora desempenhará brilhantemente a missão que lhe foi confiada de estreitar mais o acolhimento feito ao *Seculo* e ás suas publicações pela colonia portugueza fixada na grande America.

Os ferroviarios declararam-se novamente em greve.

Diversas maquinas e comboios de mercadorias descarriaram nas linhas das circumvisinhanças tendo sido presos alguns operarios como auto-



A greve dos ferro-viarios: Um comboio descarriado á saída do tunel de Xabregas.—(Cliché de Benollel)

res de atos de «sabotage» sobretudo na via ferrea de Cascaes.

A Companhia declarou, porém, contar com seguros elementos que não abandonarão o trabalho.



No salão do Café Martinho: Aspêto do banquete oferecido ao illustre escritor brazileiro sr. Paulo Barreto (João do Rio) (Cliché de Benollel)

A Fotografia das côres
com as placas

Autochromes LUMIÈRE

é mais simples e mais fácil do que a fotografia a negro. Reprodução exata de todas as côres da natureza.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME 19
BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prevê o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciências, quiromancias, cronologia e fisiologia e pelas aplicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Di-consultas diarias das 7 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre lo a. — LISBOA. Consultas a 15000 rs., 2500 e 50000rs.

regulam. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Di-consultas diarias das 7 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre lo a. — LISBOA. Consultas a 15000 rs., 2500 e 50000rs.

PARA
QUE
VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegria, sem fé, quando é tão facil obter fortuna, saude, arte, amor, correspondida, ganhar aos jogos e loarias, pedindo a curiosa bruxa gratia, em portuguez, do professor YTALE, 35, Boulevard Bonne-Nout He. 35 - Pa. J.

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Sederia
Schweizer

Últimas novidades em seda, para Vestidos e faldas bem como em veludos e peluches. Fazem as suas amostras franco.

Schweizer e Ca., Lucerne E Tl
(Suissa)

Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obtel-a exigir esta Marca

e tambem o nome CHRISTOFLE em cada objecto.



Companhia do
Papel do Prado

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escriitorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado.

Numero telefonico: Lisboa. 605—Porto, 117

CAPITAL

Ações	360.000\$ 000
Obrigações	323.910\$ 000
Fundos de reserva e de amortização	266.500\$ 000
Réis	550.310\$ 000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escriitorios e depositos:

Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos, CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

Tonico Amarello com sello Viteri

Preparado desde 1880 pela PHARMACIA BARRITO. — Suspende a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senhoras. Regenera a cor primitiva. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvice, conserva os frisados e ondedados. Não contém enxofre. Frasco 700 réis para fora de Lisboa mais 100 réis para porte e registo. Deposito geral

VICENTE RIBEIRO & C.ª - 84, R. Faquelros, 1.ª - LISBOA

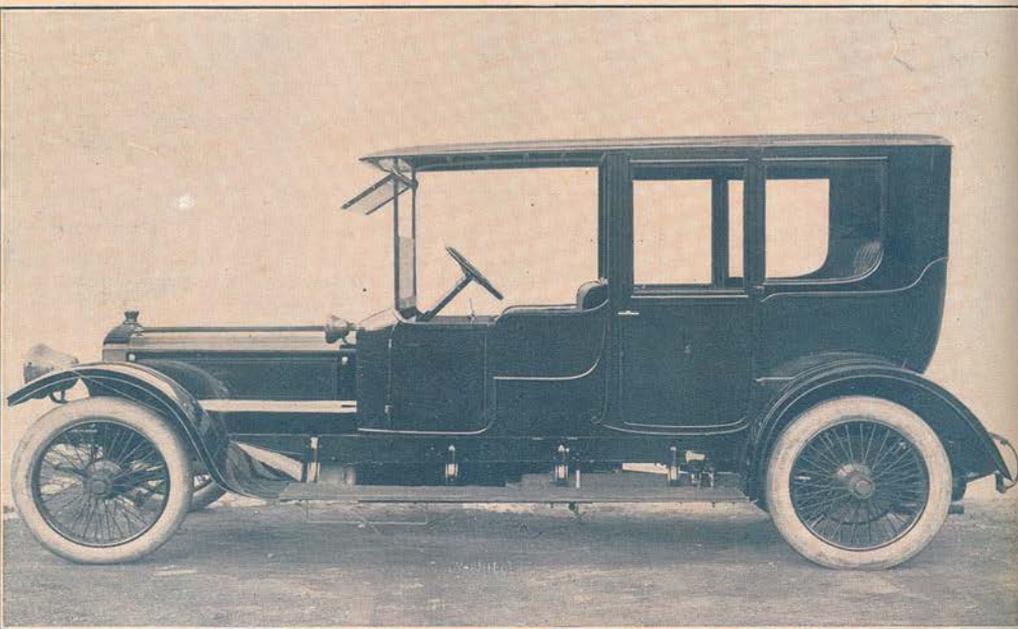


“SALON” DE LONDRES, DE 1913

Automovel **DAIMLER** (*Coventry*)

DE .

Sua Magestade a Rainha d'Inglaterra



EM

“GROS-PNEUS”

Continental

880×135 EM JANTES DE 880×120

A' VENDA EM TODAS AS GARAGES